

O SERTÃO COMO IMAGINAÇÃO

Selma Sena

Dentre os vários mitos que contribuíram para a formação da idéia de sertão, um deles indica-o como lugar agreste e cheio de carências. Das reproduções de sua paisagem às formas de vida humana concebida o que se configura é uma espécie de improdutividade: tudo é árido, tudo é queimado, chuvas copiosas denunciando um clima destrutor, inacessíveis brenhas, casca recozida do chão... Esta geografia fabulosa é construída de muitas palavras-imagens, quase todas referidas ao rigor e à inospitalidade.

A paisagem afetiva e cenário do mito é agreste, seca, longínqua, inóspita. O sertão é um deserto que demanda travessia. A inclemência do sol e a aridez podem matar homens e animais. No mito do sertão, sertão e deserto se equivalem: “Até mesmo as noções de sertão e deserto, que são semelhantes em suas origens, mas falam de paisagens diferentes, poderiam servir de paralelo a estes dois espaços tão díspares e tão próximos” (Sena Filho, 2004, p. 47).

Muitos são os veículos desses signos: a literatura, especialmente a regionalista, o cinema, a literatura acadêmica etc. O mundo letrado em geral é que tem fornecido essas antecipações imaginadas do sertão e do sertanejo, recobrando-o de imagens. Como o sertão tratado aqui não é uma entidade física nem uma região geográfica, mas uma região imaginária criada *na* e *pela* linguagem, e como esta não opera de modo unitário, há outros modos de dizer o sertão. Um deles é através da *fatura* (Lima, O público e o privado, no. 7, jan/jun. 2006). Analisando um poema popular sobre *fatura*, Nei Clara chega à seguinte conclusão:

“Um outro sentido da idéia de *fatura* é o que aciona simbolicamente lugares e temporalidades que não coincidem com os dos processos de desenvolvimento do país. É daí que deriva o seu significado mais extraordinário, o de instituir um lugar de fala por meio do qual pode-se pensar com distanciamento – que é o mesmo que dizer criticamente – os processos da modernização brasileira, pois trata-se de uma categoria tradicional que tem servido para classificar e dar sentido ao mundo que não se encaixa no ideário desenvolvimentista e modernizador de muitas análises sobre o sertão.”(p. 160).

O sertão é também concebido como espaço da violência em decorrência tanto de formas de dominação política quanto de movimentos religiosos, como os movimentos messiânicos e milenaristas que aí se desenrolaram desde o primeiro século da colonização (1530). Embora haja registros contemporâneos destes movimentos nas áreas urbanas do Brasil e dos Estados Unidos, como a Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, liderada por Yokanaanam, na década de 1940, no Rio de Janeiro; o movimento ufologista de Aladino Félix, na década de 1960, em São Paulo e o caso Jim Jones nos EUA etc., a maior parte dos movimentos ocorridos no Brasil se deram em áreas rurais, escasseando na década de 1930, supostamente em decorrência da industrialização e conseqüente urbanização da sociedade brasileira (Negrão, 2001).

O olhar dos letrados define como violência do sertão aquela praticada pelos retirantes, cangaceiros, volantes e beatos. A violência dos retirantes que perderam suas terras, a violência dos

cangaceiros dirigida contra todos, a violência dos beatos inflamando o sertão com promessas inalcançáveis e a violência dos volantes, leia – exército – que com o subterfúgio de restaurar a ordem criavam novos ódios e outras desordens.

O sertão também é concebido como um lugar de deslocamentos de fanáticos, de cangaceiros, de volantes, de beatos, de sertanejos. Otávio Velho localiza as causas da *errância* das populações sertanejas como “(...) uma vontade de testificar a faculdade de exercitar a liberdade. Além disso, elas estão plenamente integradas à tradição bíblica, dentro da qual, desde pelo menos o Êxodo, o deslocamento representa uma *fuga* ao cativo (...)”. (1995, p.30) Essa herança cultural, repassada ao catolicismo ibérico do qual somos herdeiros, é recriada no imaginário da *fartura* e, por isto, fornece sentido aos incessantes deslocamentos das populações sertanejas. Nesse caso, a *fartura* se torna o texto do drama da *errância*.

Nos processos de sua transformação em mito, essa tradição, como parte da cultura popular brasileira ganha expressão pelo excesso, cuja profusão está não apenas na *fartura* referida aos alimentos, mas também às relações, impregnadas de sensualismo, do humano e o divino.

Como mencionado sobre formas de dominação política, o coronelismo se pauta no modelo familiar de relações, isto é, relações de complementaridade como as existentes entre pai e filho, afilhado e padrinho, patrão e cliente. Era o coronel a quem se pediam empréstimos – já que só ele tinha acesso aos bancos – quem arranjava advogados, médicos, hospitais, pousada e refeições, roupas, sapatos e até chapéus, para as épocas de eleições. Além de conseguir com o apoio do governo estadual energia elétrica, saneamento básico, etc. A lealdade é o cimento das relações do tipo familiar; por isto se diz no Brasil ‘que para os amigos tudo e para os adversários a lei’. A lei, que é uma categoria da modernidade, é suficiente para os inimigos, naquilo que ela possui de arbítrio e de rigor, na sociedade brasileira.

O sertão – ao recusar a razão moderna – se propõe como, talvez, o último lugar do encantamento e ao contrário de sua definição como lugar vazio e ermo, ele é extremamente povoado por seres sobrenaturais: a mãe do ouro, a cobra grande, botos e iaras, lobisomens etc. É também o lugar onde os bichos fazem profetamentos, lugar de prenúncios e de acontecimentos formidáveis.

Nas narrativas e interpretações de seu Neco, um sertanejo, sujeito de pesquisa de Felipe Berocan, os bichos anunciam o universo, o tempo e suas transformações. Através de vaticínios, a sinalização dos bichos gera modificações de estações, através do canto ou do silêncio dos pássaros, da manifestação ou do desaparecimento dos sapos. Assim, Seu Neco indica uma forma de representar a natureza, que se antecipa, de modo fatal, à cultura.

Podemos falar de *perspectivismo sertanejo*, prolongando ao universo rural o conceito empregado por Viveiros de Castro para a compreensão da alma animal nas sociedades tribais, com suas equivalências. Segundo Viveiros de Castro, *perspectivismo* é “a concepção comum a muitos povos ameríndios do continente, segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos e pessoas, humanas e não-humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos” (Viveiros de Castro. *Mana*.1996. p. 115).

No cosmo do sertão, os bichos também compartilham do mundo de forma cabal, intrometendo-se em sua seqüência e indicando acontecimentos. Resta ao homem do sertão desenvolver, a partir dessas diligências e capacidade de realizações sobrenaturais, uma requintada consciência para entender o *profetamento* dos bichos.

Comparando o sertão com a narrativa orientalista de Said (*O orientalismo*, 2001), encontramos grande diferença, pois o sertão é uma região imaginária ao contrário do Oriente que existe na história e na evidência de seus costumes. O sertão é uma poderosíssima configuração da cultura brasileira. O sertão somos nós mesmos, os letrados brasileiros, que enunciamos o sertão com abjeção e desejo. Há uma parte de nós que deseja o sertão como um lugar sem regras e, neste sentido, como não civilizado. E por esta mesma razão pensamos no sertão com abjeção, com desprezo por causa mesmo deste nosso desejo. O sertão é pura subjetividade e se coloca, portanto, para além da contradição entre abjeção e o desejo.

Não é por outra razão que a literatura e as artes, por disporem de recursos estéticos capazes de transformar em imagens o poder afetivo da representação sertão, produziram obras que conformam o imaginário nacional.

Willi Bolle, em *Grandesertão*. Br (2004), trata o sertão como uma forma de pensamento labiríntico, como lugar por excelência do perder e do errar. Todas as referências à cartografia se desfazem, transformando a geografia factual em geografia do imaginário através da ficção. Retiram-se pedaços do sertão e através de operações de condensamento, de deslocamento e remontagem e de modo análogo aos mapas mentais, que nascem da memória afetiva, de lembranças encobridoras, de pedaços de sonhos e fantasias, medos e desejos.

Há duas formas de se organizar a paisagem nacional: a labiríntica e a racional. A última se coloca como conseqüência dos planejamentos estratégicos e do racionalismo instrumental que instaura o homem como dominador da natureza. A transformação do sertão em espaço labiríntico recupera a configuração de um Brasil recalcado e coloca de modo imediato, a crítica à fé mítica no progresso e nas conseqüências do desenvolvimento, quando as evidências mostram o contrário.

Para nós, o sertão é uma região inteiramente imaginada, não constando, portanto, da cartografia nacional. Ela só existe **no** e **pelo** discurso que a constrói como lugar deserto, ermo, desconhecido, fluido, mítico e labiríntico.

Como região imaginada as narrativas textuais e imagéticas sobre o sertão variam entre os vários lugares-sertão. Como cartografia imaginária o sertão prescinde de referentes geográficos, étnicos e historiográficos: o sertão é uma invenção, principalmente dos letrados brasileiros.

O sertão não tem fim, há sempre um sertão dentro do sertão, dentro do sertão o que o configura como um labirinto, como uma forma de ser ou uma forma de pensar. Na sociedade brasileira há vários sertões, mas ele é reconhecível “como uma região do interior, de criação de gado, desértica, mais ou menos estacionada num passado que se recorda como santuário ou reserva das tradições ancestrais, repositório venerado da linguagem e costumes antigos” (Cristóvão, F. 2004, p. 45).

Desde o início da História do Brasil, o sertão configurou uma perspectiva dual, contendo, em seu interior, uma virtualidade: inferno ou paraíso. No pensamento social o sertão é a fronteira por excelência – aqui como paraíso- e se vincula deste modo à pátria geográfica como possibilidade de expansão da nação através da incorporação econômica e ocupação de terras, ou da ocupação dos espaços

vazios do sertão. É neste sentido que o movimento das bandeiras se vincula ao mito do sertão como seu desdobramento já que o bandeirantismo “constitui a principal experiência de fronteira na história brasileira” (Oliveira, 2000, p. 77).

Os espaços vazios do sertão dizem respeito a pouca densidade populacional, ao isolamento, à ausência de cidades e de terras cultivadas. Também é pensado como lugar de pessoas fortes e acostumadas a lidar com uma natureza hostil.

É por isto que o sertanejo é o suporte de uma brasilidade específica, já que ele metaforiza os brasileiros na luta contínua contra uma natureza grandiosa e trágica, da qual a ideologia do ufanismo é um exemplo editado. É a destreza do sertanejo em sua relação com uma natureza hostil, destreza auxiliada por sua proximidade com esta mesma natureza, que o propõe como símbolo de nacionalidade.

O sertão é representado ao mesmo tempo como atrasado e como possuidor de uma brasilidade particular. Penso que isto acontece porque sendo o litoral definido como o lugar da mudança e da novidade e o sertão como o lugar do isolamento e da tradição, e sendo o sentimento de brasilidade definido como fora do tempo e da história, que outro lugar poderia ser possuidor de uma brasilidade específica senão o sertão?

O sertão como nosso mito de origem, em seu travestimento histórico, é utilizado como um espaço de crítica às desigualdades sociais, entre nós. Como mito, o sertão está em todos os lugares imaginários que ainda não foram domesticados. O arcaísmo do sertão pode por si mesmo se travestir de uma crítica a essa razão da modernidade que não foi capaz de estender o Iluminismo para a humanidade.

O sertão é o lugar das errâncias, pois a errância é o processo mesmo de se enveredar pelo sertão ao invés de buscar sua saída. Neste sentido, o sertão não apenas está dentro da gente, como em todos os lugares. O sertão é síntese de múltiplas possibilidades.

Segundo Lévi-Strauss, “um mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados (...). Mas o valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro (...)” (1978: 241).

O mito do sertão ao inscrever esta paisagem diz aqui é o começo do Brasil e seu passado, aqui o sertão está suspenso da passagem do tempo. Para Lévi-Strauss, os mitos não são fantasmagorias, mas narrativas tão exigentes quanto às produzidas pelo pensamento positivo. A diferença se deve menos “à qualidade das operações que à natureza das coisas às quais se dirigem essas operações” (1975 p. 57).

Como mito, o sertão está em todos os lugares imaginários que ainda não foram domesticados. De fato, o sertão como configuração dedálica e como mito – os mitos são compostos de camadas de significados, dificilmente pode ser decifrado.

O enigma sertão é o da recusa potencialmente crítica ao ordenamento civilizatório e a domesticação pela razão. O arcaísmo do sertão pode por si mesmo, se travestir de uma crítica a essa razão da modernidade que não foi capaz de estender o Iluminismo.

Do mesmo modo acredito que por aí é possível que o sertão, por estar situado noutra mundo – o mundo mítico - possa falar à nação, porém de outro lugar que não o da modernidade. E também não do lugar da tradição concebida como substantiva e fixada, senão de um lugar da diferença que aporta, utopicamente, outros valores e perspectivas.

O sertão é resto de uma incompleta totalização da nação brasileira. Toda totalização, aliás, é incompleta, no sentido de que sempre deixa restos e resíduos. Estes restos são a matéria de que são feitas as utopias, conforme pretendi sugerir. O sertão é um reino a desencantar e decifrar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berocan, Felipe Veiga. Profetamento dos bichos: visões e reminiscências de viagens em busca do sertão de Goiás. *O Público e o Privado*: 151-159 n. 7, jan./jun. 2006
- BOLLE, Willi. *Grandesertão.br*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2004.
- Cristovão, Fernando. A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito. São Paulo: *Revista da USP*, 2004.
- Lévi-Strauss. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- Lévi-Strauss. *Antropologia estrutural II*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- Lima, Nei Clara de. Os crespos do sertão. *O Público e o Privado*: 151-159 n. 7, jan./jun. 2006.
- Oliveira, Lúcia Lippi. *Americanos*: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- Said, Edward W. *O orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- Sena Filho, N.O deserto de Deus e o Sertão dos homens: Guimarães Rosa e o deserto do Sinai. Em Salma Ferraz (org.). *No princípio era Deus e ele se fez poesia*. Acre: EDUFAC, 2008.
- Velho, Otávio. *Besta fera – recriação do mundo: ensaios críticos de antropologia*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1995.
- Viveiros de Castro, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana: estudos de antropologia social*. Vol. 2, no. 2, out.1996.